

# O discurso da felicidade como tática biopolítica na revista SuperInteressante

Regina Baracuhy  
Kamila Nogueira

Resumo: Este trabalho tem como objetivo central analisar o discurso da felicidade como prática biopolítica, a fim de verificar, através da normatividade, como se governa a conduta do corpo social, explicitando como o controle da vida da população é exercido a partir dos mecanismos estratégicos de saber/poder. Utilizaremos como embasamento teórico, a Análise do Discurso com as contribuições de Michel Foucault, no que concerne à genealogia do poder, trazendo a possibilidade de discutir as relações entre os discursos, os sujeitos, a História e os poderes na sociedade. Metodologicamente, utilizamos uma teoria descritivo-interpretativa para análise das materialidades sincréticas do discurso em pauta, trazendo como indispensáveis não somente a estrutura, mas a dimensão sócio-histórica que a constitui. Nosso *corpus* é composto por uma capa da revista *SuperInteressante*, bem como a sua matéria, cuja análise será subsidiada por noções como sujeito, controle, biopolítica, dentre outras. Destacamos que a felicidade tornou-se uma necessidade, um imperativo em nossa sociedade, ao ponto de o sujeito triste ser excluído dela. Sendo assim, a tristeza torna-se algo anormal a ser imediatamente afastado do cotidiano

---

Regina Baracuhy. Professora Doutora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). [mrbaracuhy@hotmail.com](mailto:mrbaracuhy@hotmail.com).

Kamila Nogueira. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). [Kamila\\_amyla@hotmail.com](mailto:Kamila_amyla@hotmail.com).

para que, dessa forma, o sujeito possa atender a fins produtivos no meio social e se ordene em função de seus reclamos.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Discurso da felicidade; Biopolítica.

## The discourse of happiness as a biopolitical tactic in the *SuperInteressante* magazine

**Abstract:** This work aims to analyze the production of meanings in the discourse of happiness as a biopolitic practice, in order to verify, through normativity, how to govern the conduct of the social body, explaining how the control of the life of the population is exercised from the strategic mechanisms of power. We will use as a theoretical basis, the Discourse Analysis with the contributions of Michel Foucault, regarding the genealogy of power, bringing the possibility of discussing the relations between discourses, subjects, history and powers in society. Methodologically, we use a descriptive-interpretative theory to analyze the syncretic materialities of the discourse at issue, bringing as indispensable not only the structure, but the socio-historical dimension that constitutes it. Our corpus is composed of a cover of the magazine *SuperInteressante*, as well as its material, whose analysis will be subsidized by notions such as subject, control, biopolitics, among others. We emphasize that happiness has become a necessity, an imperative in our society, to the point that the sad subject is excluded from it. Thus, sadness becomes something abnormal to be immediately removed from the daily so that, in this way, the subject can meet productive purposes in the social environment and be ordered according to their claims.

**Keywords:** Discourse analysis; Discourse of happiness; Biopolitics.

## I. Biopolítica: uma técnica de gestão da vida no século XVIII

Segundo Michel Foucault (2014), em meados do século XVIII e início do século XIX, produz-se uma transformação no modo de organizar e gerir o poder, pois o velho direito de “fazer morrer e deixar viver”, característico do regime de soberania, é substituído pelo direito ou pelo poder de fazer viver e deixar morrer, “configurando-se, assim, o domínio do biopoder, cujos mecanismos, táticas e estratégias vão incidir sobre o corpo social. O poder soberano já não conseguia lidar com os fenômenos próprios da nascente sociedade industrial: a explosão demográfica, os problemas de urbanização, os novos conflitos derivados da industrialização” (CAPONI, 2016, p. 231). Para tratar deles, entra em jogo o biopoder.

O poder sobre a vida desenvolveu-se sob dois polos: o da disciplina e o da biopolítica. O primeiro centrou-se no corpo enquanto máquina: a anátomo-política do corpo humano, a gestão da vida destinada a multiplicar a capacidade humana de trabalho através da disciplina, recortando o corpo na sua individualidade para a reprodução monitorada de atividades e a produção de corpos dóceis (FOUCAULT, 2012a). O segundo surgirá um pouco mais tarde, fortalecendo-se ao longo do século XIX, sem eliminar ou substituir a tecnologia disciplinar, mas utilizando-a e integrando-a moderadamente para conduzir-se à população e aos seus processos biológicos. Como nos assegura Foucault, a biopolítica:

centrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a du-

ração da vida, a longevidade , com todas as condições que podem fazê-los variar; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e controles reguladores: uma biopolítica da população (FOUCAULT, 2014, p. 150).

Essa nova tecnologia incide sobre a multiplicidade de homens, não como seres individuais, mas enquanto constituintes do corpo social, uma vez que eles constituem uma massa global afetada pelos processos de conjunto que são peculiares à vida, “como os processos de nascimento, morte, reprodução, doenças, etc.” (FOUCAULT, 1997, apud CAPONI, 2016, p.231). Importante salientar que esses dois modos de se exercer o poder não são excludentes, mas formam dois polos de desenvolvimento interligados por uma rede de relações que organizaram o poder sobre a vida. A função desse exercício de poder já não é mais matar, mas investir na vida. “A velha potência da morte em que se simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida” (FOUCAULT, 2014, p. 150).

Importante salientar que esse modo de exercício de poder não é menos violento, ou mais leve, pois a técnica, os procedimentos e o objeto de poder mudaram, mas a intensidade continuou. Antes, a punição era direcionada ao corpo, hoje, à alma. “À expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições” (FOUCAULT, 2012, p. 21). Houve uma mudança de objetivo, pois se percebeu que aquele que cometeu algum delito poderia ser mais e melhor aproveitado, visto que ele poderia servir ao Estado por meio de sua força de trabalho.

No entanto, o que Foucault acentuou não foi a inoperância do Poder Soberano, mas a maior eficácia de um conjunto de poderes.

Falar de um poder que concerne à vida é afirmar que o homem enquanto espécie se converteu em objeto de investimento de tecnologias de saber e poder normalizadoras, o que permite a regularização dos fatos biológicos próprios das populações, tendo como referência, os padrões determinados pelas ciências da vida. A noção de vida está no centro das discussões, não apenas como objeto de tematização das ciências biológicas, mas também como um espaço privilegiado que garante a gestão das populações nas sociedades modernas (CAPONI, 2016).

Interessante pensarmos também em relação às temáticas que podem ser abarcadas pelas questões biopolíticas de governamento, pois a partir do momento em que pensamos na vida das populações reduzidas ao corpo-espécie, suas necessidades biológicas e os seus riscos são levados em consideração para que se criem políticas públicas favoráveis ou para que os discursos sejam trabalhados em prol de uma modificação do corpo social com vistas sempre à melhoria da força produtiva. Sobre isso, Caponi (2016, p. 238) afirma que:

no momento em que o domínio da ética e da política é substituído e reduzido ao campo do biológico, a corpo-espécie, nossos padecimentos individuais e cotidianos, nossos vínculos sociais passarão a estar mediatizados por intervenções terapêuticas, médicas ou psiquiátricas, interessadas em classificar todos os assuntos próprios da condição humana em termos de normalidade ou de patologia.

Podemos dizer que as classificações feitas pelos discursos que são acolhidos como verdadeiros na sociedade são formadoras de subjeti-

vidades, visto que o sujeito segue como parâmetro ou modelo, essas verdades e se subjetiva através das práticas reguladoras, estando assim, participante do poder que traça a partilha entre a vida que merece viver e a que deve ser deixada de lado.

A seguir, discutiremos brevemente a respeito da biopolítica em relação à felicidade, explicitando alguns exemplos de como essas regulações ocorrem no cotidiano do corpo social.

## 2. A biopolítica e a felicidade

Há um dado permanente e inegável: todos querem ser felizes. Desde a Grécia Antiga os filósofos se preocuparam com a temática da felicidade<sup>1</sup>, e não poderia ter sido diferente, visto que esse tema faz parte de uma rede pela qual se procura definir e esclarecer as ideias do ser humano. A mais antiga referência de filosofia sobre este tema é o fragmento do texto de Tales de Mileto<sup>2</sup>, este que viveu entre 7 a.C. e 6 a.C. Para ele, ser feliz é ter corpo forte e são, boa sorte e alma formada. Para Sócrates<sup>3</sup>, a felicidade seria o bem da alma, através da conduta justa e virtuosa. Já para Kant<sup>4</sup>, a felicidade está no âmbito do prazer e do desejo. Bertrand Russel, em seu livro “A conquista da felicidade”, no século XX, postula que ser feliz é eliminar o egocentrismo.

---

1. <http://www.afilosofia.com.br/post/o-conceito-felicidade-para-os-filosofos/542>.

2. Tales de Mileto foi um filósofo, matemático, engenheiro, homem de negócios e astrônomo da Grécia Antiga. O primeiro filósofo Ocidental de que se tem notícia.

3. Sócrates foi um filósofo ateniense do período Clássico da Grécia Antiga. Creditado como um dos fundadores da filosofia ocidental.

4. Immanuel Kant foi um filósofo prussiano. Amplamente considerado como o principal filósofo da era moderna.

Hoje, nos deparamos com uma imensidão de redes sociais que nos estampam algo que parece tão utópico, mas que, ao mesmo tempo, aparece como uma realização concretizada a todo o instante. Basta observar um pouco o Facebook para nos depararmos com pessoas lindas, ricas, viajantes e felizes. Bauman (2009) trata da temática da felicidade na contemporaneidade observando quais são as referências e valores que fundamentam a busca incessante por ela e o que isso traz como consequência para a identidade dos indivíduos e para o modo como eles se relacionam com o meio social.

Voltando à questão da biopolítica, é importante salientar que este tipo de gestão se interessa pelo bem-estar da sociedade e também se importa com os riscos que esta pode correr, ou seja, o que Caponi (2016) fala ao enunciar é que, em torno da ideia de risco, entendida como a quantificação probabilística de tudo o que pode vir a prejudicar a vida das populações, se articulará o governo da vida. Podemos ver em Foucault (2009, apud Caponi, 2016) que a biopolítica calcula os desvios e cria estratégias de normalização, define populações de risco, compara padrões de morbidade e cria intervenções preventivas capazes de reduzir os desvios e antecipar os riscos. Agora podemos entender melhor o porquê de existir hoje uma quantidade tão grande de campanhas contra a depressão e atentar também para a circulação de discursos midiáticos em prol da felicidade a todo o custo.

Conforme o diretor de estudo do Instituto de Psicologia Clínica e Psicoterapia (Hans- Ulrich Wittchen), “os males da mente são os mais prejudiciais e limitantes entre todos os grupos de doenças, e a depressão, individualmente, é a mais incapacitante das doenças”. Segundo ele, os prejuízos para a economia são enormes: em média, pessoas com depressão perdem cerca de oito dias de trabalho por mês, contra ape-

nas dois da população saudável. Não é vantajoso ter pessoas depressivas na sociedade, pois elas têm menos produtividade do que as que não são acometidas pela doença.

Nesse sentido, as campanhas preventivas contra a depressão têm o objetivo de preservar a vida do sujeito, mas também reenquadrá-lo na lógica da produtividade que rege o mercado e regular sua conduta dentro do padrão de normalidade (sujeito sadio, produtivo e feliz) que se impõe socialmente.

## Análise



Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/379/>.

Acesso em: 25 de setembro de 2017



A análise que ora desenvolvemos refere-se à edição 379, de setembro de 2017, da revista *SuperInteressante*. Iniciando pela capa, pode-se perceber o desenvolvimento da ideia de construção da felicidade e como isso deve ser feito. Na parte superior da capa vê-se com letras garrafais os seguintes dizeres: “Felicidade como construir a sua”. E a resposta a esta indagação vem logo em seguida: “Bastam mudanças pequenas na rotina para aumentar seu bem-estar. Quem diz isso não são os livros de auto-ajuda. É a ciência. Conheça os 7 atalhos da psicologia para uma vida mais feliz”.

Corroborando com a ideia metafórica de construção da felicidade, faz-se um paralelo com um movimento real de edificação, demonstrado pela figura da moça que está no centro da capa segurando um pincel de rolo, suja de tinta, e também pelos instrumentos que fazem parte do campo semântico de obra, como “tijolos”, “escada”, “martelos”, “serrote” e “mala de ferramentas”. A moça estampa um sorriso ao realizar a tarefa de ter pintado o “smile”, assim mostrando o efeito de se construir a felicidade fazendo *pequenas mudanças na rotina*, aumentando, dessa forma, o bem-estar.

Em relação ao “smile”, vale salientar que há uma regularidade de sua aparição em todas as revistas analisadas. A partir dela, podemos trazer a noção de enunciado para explicar o constante povoamento de outras vozes, ou a ativação da memória discursiva por meio da imagem em questão, pois, para Foucault, uma das características do enunciado é que ele tem sempre

margens povoadas de outros enunciados [...], não há enunciado, em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto,

desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja (FOUCAULT, 2013, p. 120).

Podemos fazer um paralelo da imagem analisada com a plaquinha “sorria, você está sendo filmado”. As câmeras de segurança são instaladas para flagrar furtos, roubos e outros crimes, no entanto, quando o cidadão lê a frase acima, o verbo “sorrir” atenua o real motivo da filmagem, que é a desconfiança e a repressão. Isso ocorre porque no momento da espionagem institucionalizada, a comunicação evoluiu para algo mais sutil e menos ameaçador, característica coerente com as táticas de governamentalidade, em que o controle é exercido de modo tão sutil que a população muitas vezes não consegue notar a sua instauração. No caso das câmeras, a mera possibilidade de as pessoas estarem sendo filmadas, regula seu comportamento.

Foucault aponta que o enunciado tem uma existência material, isto é, ele possui uma materialidade que circula em um tempo e em um espaço e tem uma condição de existência única. Vale ressaltar que a função enunciativa se apresenta por meio de uma materialidade que não é puramente linguística, mas sobretudo histórica. Dessa forma, a imagem pode ser encarada como um enunciado que remete a vários outros enunciados, por isso, o enunciado é um nó em uma rede.

É interessante pensarmos também na construção do efeito de verdade que se quer passar em relação às informações ou indicações fornecidas pela revista *SuperInteressante* em relação à felicidade, tendo em vista que é recorrente atrelá-la ao discurso da ciência, e não mais aos livros de auto-ajuda, os quais atuam na disciplinarização do indi-

víduo, fornecendo-lhe receitas e técnicas para o alcance da felicidade. Isso nos remete aos discursos de autoridade (o científico, o jurídico,) cuja alusão tem o fito de credibilizar verdades que são enunciadas pela mídia e seguidas pela população. Sobre essa relação entre o saber e a verdade, afirma FOUCAULT (2012: p.52):

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral de verdade: isto é os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; [...] o estatuto daqueles que tem o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

Sabemos que o discurso científico tem peso de verdade, e ao ser invocado na capa da revista, funciona como poderosa estratégia para convencer o público leitor de que as instruções dadas são verdadeiras e comprovadas. Através da relação saber/poder, a revista controla sentidos, manipula e regula práticas discursivas.

Ainda na capa, encontramos o seguinte enunciado: “conheça os 7 atalhos<sup>5</sup> da psicologia para uma vida mais feliz”. Segundo o dicionário online do português<sup>6</sup>, a palavra atalho significa “caminho secundário, derivado de um principal, pelo qual se encurtam distâncias e/ ou se chega ao lugar de destino; corte, vereda”. Atualmente, a felicidade tornou-se uma urgência, portanto, temos que chegar o mais rápido possível a ela, não podemos procrastinar, deixar a felicidade para amanhã,

---

5. Vale ressaltar que a revista traz 7 atalhos, no entanto só os 4 pontos mais importantes serão analisados neste espaço.

6. [HTTPS://www.dicio.com.br/atalho](https://www.dicio.com.br/atalho).

temos que ser felizes hoje. E a Psicologia nos mostra como, segundo a revista. Eis os passos:



Nesse tópico 1 da revista é dito que para a lógica de Kahneman<sup>7</sup>, “a maneira mais eficiente de gastar dinheiro é com coisas que ficam gravadas na memória para sempre: as experiências”. Mais à frente, é aconselhado que se “vá a algum show de um astro que se goste”; para “investir num restaurante de comida exótica”; “num salto de paraquedas” ou em “uma viagem”. O curioso é que em todas as opções de experiências descritas a serem vividas com vistas à felicidade, há gastos. Por que não investir, por exemplo, em ficar em casa assistindo a alguma série ou filme e comendo uma simples pipoca? A resposta está no consumismo. Para Bauman (2008, p. 71):

a “sociedade de consumidores” representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumistas, e rejeita todas as op-

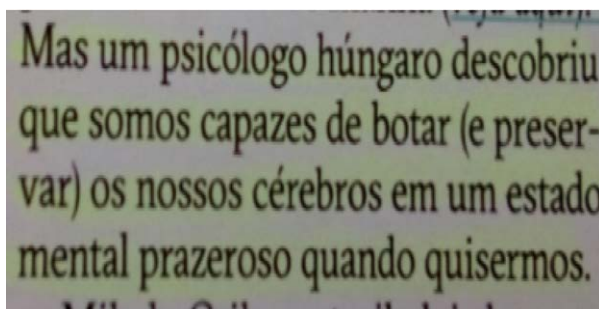
---

7. Daniel Kahneman é um teórico da finança comportamental, a qual combina a economia com a ciência cognitiva para explicar o comportamento aparentemente irracional da gestão do risco pelos seres humanos. Em 2002, ele ganhou o Prêmio Nobel de Economia, algo particularmente encarado como incomum, visto que ele é um psicólogo.

ções culturais alternativas. Uma sociedade em que se adaptar aos preceitos da cultura de consumo e segui-los estritamente é, para todos os fins e propósitos práticos, a única escolha aprovada de maneira incondicional. Uma escolha viável e, portanto, plausível- e uma condição de afiliação.

Essa sociedade de consumidores está totalmente em consonância com a biopolítica, pois esta, além de se preocupar com o bem-estar, direciona-se, sobretudo, no nível dos processos econômicos, do seu desenrolar, das forças que estão em ação em tais processos e os sustentam (FOUCAULT, 2014).

Explicando a lógica dos enunciados prescritivos da revista, podemos considerar que “ser feliz está simplificado a uma embalagem frágil e superficial que é recheada de valores e práticas do ter que são imperativos” (MEDEIROS, 2009, p. 35).



Este é o terceiro atalho da revista: o estado de graça. Em que consiste? “Colocar os nossos cérebros em um estado mental prazeroso”. Isso se denomina flow<sup>8</sup>, como é chamado pelo professor Mihaly Csikszentmihalyi, para o qual aquele exige que estejamos completamente

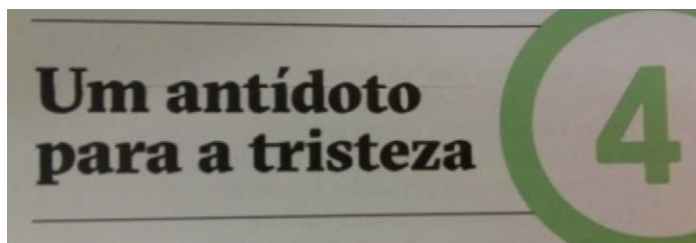
8. Fluxo em português.

imersos e concentrados em uma atividade, de maneira que usemos o nosso cérebro no limite da sua capacidade de processamento.

O “flow” pode ser criado até mesmo quando o indivíduo está trabalhando, ou seja, há uma maneira de você elevar a sua mente a um estado de prazer mesmo fazendo algo que não seja muito propício a isso. Dessa forma, qualquer atividade pode vir a se tornar algo que ajude no seu bem-estar. É uma espécie de “felicidade sob encomenda”, como diz Csikszentmihalyi. Dessa maneira, percebemos que o imperativo da qualidade de vida procura por em foco as práticas que deveriam ser realizadas pelo indivíduo para manter a autoestima e a alegria mesmo diante de condições desfavoráveis. Para Birman (2010: p.39):

com efeito, das boas condições da saúde à boa alimentação, passando pelo culto regular das atividades corporais, dos esportes e do lazer, é sempre a qualidade de vida do indivíduo que é colocada em evidência, de maneira recorrente, de forma a promover a satisfação plena deste.

Nesta perspectiva, as revistas e os jornais passaram a ter colunas e informes organizados em que se colocam em evidência os diversos temas que compõem as diretrizes para se alcançar uma vida feliz, promovendo, desde receitas para uma alimentação saudável até a importância de se fazer meditação regularmente, por exemplo.



Este quarto atalho da revista diz respeito à velocidade com que os acontecimentos ruins devem ser superados. Segundo ela, “alguém próximo pode morrer inesperadamente, o amor da sua vida pode decidir entra numa seita, seu carro pode ser roubado. Mas o que determina se alguém vai ser feliz não são os imprevistos que vão inevitavelmente acontecer- é a velocidade com a qual eles serão superados”.

Para Fontenele<sup>9</sup>, “existe um preconceito em relação à tristeza. Busca-se negá-la e supervalorizar a alegria. Na nossa sociedade, a tristeza só é valorizada na música, na literatura e na pintura”. Observamos que a cada dia a tristeza está sendo excluída da lista dos sentimentos ou estados de espírito que devem ser vivenciados pelos indivíduos. É, na maioria das vezes, encarada como algo a ser evitado ou curado, como uma doença.

Contrastando com esse pensamento, para Heidegger (1989), é na angústia que o homem se singulariza. É nessa indeterminação absoluta que a parte angustiada do homem interpela a parte declinada, convocando-a a fazer escolhas. Assim, para este autor, não é possível medir a tristeza, pois se nos aproximarmos dela com um método de mensuração, essa aproximação transgrediria o seu sentido e a tristeza como tal seria eliminada. Diante disso, qual seria a melhor maneira de lidar com ela? Na perspectiva do autor, é preciso deixar que os fenômenos se manifestem como são e

para isto, é necessário, primeiramente, deixar esses fenômenos ficarem simplesmente de maneira como o vemos, sem qualquer

---

9. John Fontenele Araujo, doutor em psicologia na área de neurociência e professor do Departamento de Fisiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em entrevista para o UOL.

tentativa de reconduzi-los a qualquer coisa. Em outras palavras, deve-se evitar qualquer tipo de possibilidade de reconduzi-los (HEIDEGGER, 1989, p. 255).

O que é apontado por Heidegger como um posicionamento saudável diante das coisas que não se podem mensurar, é exatamente o oposto do que presenciamos na contemporaneidade, pois vemos que no que se refere às expectativas de transformação individual, vivemos numa era de constante otimismo, tendo em vista que

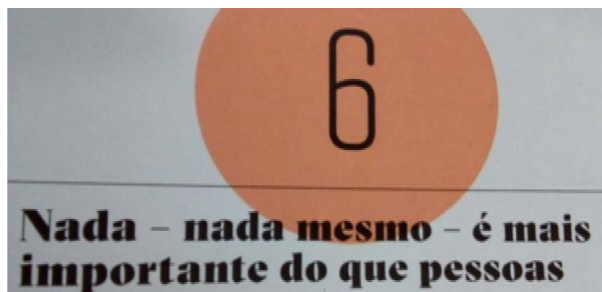
múltiplas fontes acadêmicas e midiáticas irradiam a convicção de que a ciência é capaz de indicar-nos, passo a passo, como robustecer os mananciais biológicos ou psicológicos de uma existência cronicamente feliz. As novas ciências da felicidade nos ensinam que usufruir de um aumento sustentável em nosso bem-estar subjetivo é um *projeto individual* totalmente factível *aqui e agora*, desde que nos dediquemos, sem jamais esmorecer, a esse empreendimento vital (FREIRE FILHO, 2010, p. 54-55).

O discurso científico da felicidade, centrado em um “projeto individual”, de auto-gestão para se obter uma vida feliz, é alicerçado por vários campos do saber, como a Medicina, através da gestão da saúde com a adoção de hábitos saudáveis; a Psicologia, com as técnicas e os procedimentos para a gestão das emoções; a Estatística, que fornece, por exemplo, índices de cálculo da Felicidade Interna Bruta (FIB). São discursos que vêm de campos heterogêneos e dão legitimidade aos enunciados produzidos.

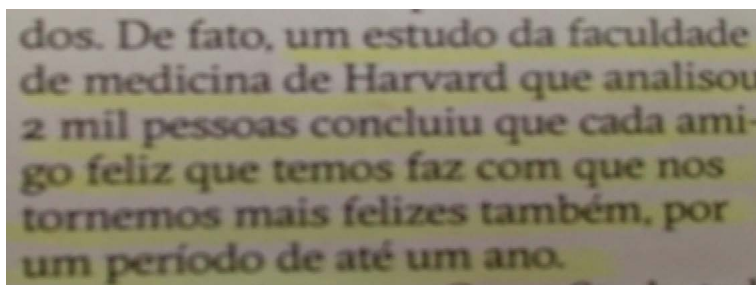
Se por um lado, a mídia faz uma apologia à felicidade, conduzindo nossas condutas, regulando nossas práticas cotidianas de modo a “cons-



truímos uma vida feliz”, por outro, paradoxalmente, os discursos sobre o medo, as elevadas estatísticas de violência urbana, a ansiedade crescente, a “depressão” como a doença do século XXI, estão na ordem do dia e justificam o afã, o desejo por aquilo que falta e uma gestão da população baseada na construção de um bem-estar, de um estado de felicidade possível de ser alcançado através de métodos científicos.



No atalho 6 vemos um conselho que, à primeira vista, pode nos causar surpresa, visto que em muitos momentos da revista percebemos um direcionamento ao consumismo, mas neste tópico há uma supervalorização das pessoas em detrimento de bens materiais. O conselho que é nos é dado é: “se você quer chegar feliz ao final da vida, precisa se cercar de pessoas e ter diversas relações muito próximas”.



Podemos perceber a partir desse trecho que a revista parte do pressuposto de que a felicidade é contagiosa. Dessa forma, nada mais lógico do que considerar que a tristeza também o é. Então não se trata de se cercar de quaisquer pessoas, mas de estar perto e conviver com pessoas felizes, a fim de adquirir o mesmo estado de espírito. Segundo Sennett<sup>10</sup> (apud Bauman, 2001, p. 122), podemos chamar essa tentativa de seleção das pessoas de civilidade, que é

a atividade que protege as pessoas umas das outras, permitindo, contudo, que possam estar juntas. Usar uma máscara é a essência da civilidade. As máscaras permitem a sociabilidade pura, distante das circunstâncias do poder, do mal-estar e dos sentimentos privados das pessoas que as usam. A civilidade tem como objetivo proteger os outros de serem sobrecarregados com nosso peso.

Com isso, a civilidade torna-se uma arte individualmente aprendida pelas pessoas, sendo uma característica da situação social, cujas habilidades são basicamente impostas ou aconselhadas, seja pela mídia ou não. Assim, vestir uma máscara pública “é um ato de engajamento e participação, e não um ato de descompromisso e de retirada do verdadeiro eu” (BAUMAN, 2001, p.123). Então, mais uma vez vem o jogo do “já que naturalmente eu não sou uma pessoa feliz, finjo ser uma para conseguir interagir socialmente”. Esse “gerenciamento das emoções” a partir de um conjunto de técnicas que visam enquadrar o sujeito social dentro de um padrão de normalidade, em que é imperativo ele ser feliz e saudável de modo a atender à lógica do mercado neoliberal, que é a de que sujeitos felizes produzem mais.

---

10. Sennett, *The Fall of Public Man*, p. 264.

## Considerações finais

Diante do que foi posto em relação à felicidade, podemos dizer que a mídia, de forma sutil, impõe modos de conduta para a população, alicerçados em um conjunto de saberes.

A espetacularização da felicidade gera a necessidade e a urgência de ser feliz, tão propaladas pela revista *SuperInteressante*. É preciso considerar pelo menos dois aspectos no discurso da felicidade: o econômico, que a viabiliza enquanto mercadoria possível de ser adquirida, e o psicológico, que regula os desejos, as carências e as necessidades do sujeito-leitor, incentivando-o na busca incessante daquilo que lhe falta. Em suma: através de estratégias de poder/saber, transforma-se um bem imaterial, abstrato, em um objeto material, que a ciência pode ajudar a alcançar.

O Capitalismo trabalha estrategicamente para oferecer novas alternativas de conduta, principalmente por meio da mídia, que promete o bem-estar ou a felicidade dos sujeitos por meio do governo das emoções. O Estado se beneficia com isto, pois se os sujeitos estão felizes, diminuem os gastos do governo com tratamentos caros contra a depressão, etc. A felicidade mascarada pode ser interpretada como um consenso social, característica da sociedade pós-moderna.

A mídia sempre mostra meios pelos quais o sujeito pode alcançar a felicidade, enfatizando o que é valorizado socialmente, trazendo, dessa forma, indicações por formas mais sutis que perpassam os discursos de como o sujeito deve se vestir, agir e se comportar no meio onde vive.

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BIRMAN, Joel. Muitas felicidade?! O imperativo de ser Feliz na contemporaneidade. In: FREIRE FILHO, João. (Orgs.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 27-47.
- CHAUÍ, Marilena. Heidegger, vida e obra. In: Prefácio. *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- CAPONI, Sandra. Viver e deixar morrer: biopolítica, risco e gestão das desigualdades. In: NALLI, Marcos; MANSANO, Sonia Regina Vargas. (Orgs.). *Michel Foucault: desdobramentos*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016, p. 229-246.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, território e população*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 22. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. 74 p.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 40. ed. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012a.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. São Paulo: Paz e terra, 2014.

FREIRE FILHO, João. A felicidade na era de sua reprodutibilidade científica: construindo “pessoas cronicamente felizes”. In: FREIRE FILHO, João. (Orgs.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p.49-82.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis, 1989.

MEDEIROS, C. S. *O conceito de felicidade na mídia e o estímulo ao consumo permanente: a felicidade não tem preço?* Famecos/PUCRS, Porto Alegre, n. 21, p. 35-42, 2009.